

## Capítulo: Sobre José Marcio Ayres

### - A vida

José Marcio Corrêa Ayres nasceu em Belém no dia 21 de fevereiro de 1954, filho de Manoel e Iza Ayres. Em 1976, formou-se biólogo pela Universidade de São Paulo (USP). Em 1981, iniciou o Mestrado em Socioecologia dos Primatas, no Instituto de Pesquisas da Amazônia (Inpa), quando começou a orientar sua carreira para a gestão de unidades de conservação. Doutorou-se em Primatologia pela Universidade de Cambridge (Inglaterra), em 1986, com a tese "Os Uacaris Brancos e a Floresta Amazônica Inundada".

O interesse pelo uacari branco (*Cacajao calvus calvus*) foi reforçado quando Ayres, então com 19 anos, visitou um zôo alemão, durante um curso de férias. Essa espécie, encontrada na região do médio rio Solimões, no Amazonas, de pelagem branca e cara vermelha, foi descrita pela primeira vez pelo cientista Henry Walter Bates em meados do século XIX. Ainda aos 20 anos, Ayres foi contratado como administrador do zoológico de Ribeirão Preto (SP).

Foi também professor-adjunto do *New York Consortium for Evolutionary Primatology*, empreendimento de várias universidades americanas, do Museu Americano de História Natural e da *Wildlife Conservation Society*. As ações e os resultados alcançados por José Márcio na conservação e manejo da biodiversidade renderam ao biólogo o reconhecimento internacional na área da Biologia da Conservação.

O cientista participou dos principais conselhos nacionais de conservação da biodiversidade, e era membro de importantes associações científicas, (IUCN, ABC, NYZS, WCS). Seu trabalho como conservacionista foi o que lhe rendeu mais prêmios: UNESCO, SCB (*Society for Conservation Biology*), Rolex, WWF-Internacional, instituições nacionais e internacionais que o reconheceram e homenagearam pela relevância de seu trabalho para a conservação da Amazônia Brasileira.

Redigiu a primeira proposta, aceita pelo Governo do Estado do Amazonas em 1991, criando naquela unidade federativa a Estação Ecológica Mamirauá (EEM), localizada entre as confluências dos rios Solimões e Japurá e o Auati-Paraná, com uma área total de 1.124.000 hectares. Em 1993, a EEM foi reconhecida pela "Convenção Ramsar", passando a integrar uma relação de áreas úmidas de importância e interesse mundial. A iniciativa de criação da EEM foi apoiada por pesquisadores do Museu Emílio Goeldi (PA), da Universidade Federal do Pará (UFPA) e do Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas.

A EEM foi transformada na primeira Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Brasil em 1996, também por iniciativa de Márcio Ayres e dos pesquisadores que o apoiavam. Eles também projetaram um grande corredor ecológico, sugerindo outra RDS - a de Amanã - com 2,3 milhões de hectares, unida ao Parque Nacional do Jaú. A RDS Amanã foi criada em 1998. Completou-se, assim, um bloco de 6,5 milhões de hectares, a maior área florestal protegida do mundo.

Ayres teve os títulos de pesquisador, cientista, biólogo, primatologista, ambientalista e Doutor em ecologia. Dedicou-se, durante a vida inteira (cerca de 30 anos), ao desenvolvimento sustentável da Amazônia. Idealizou o Projeto Mamirauá, que mais tarde foi incorporado pelo Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM). Faleceu em 2003, vítima de câncer de pulmão.

- Cronologia

**21 de fevereiro de 1954**

Nasce, em Belém, José Márcio Corrêa Ayres, filho de Iza e Manoel Ayres.

**1964-1970**

Estuda o curso primário no Colégio Suíço-brasileiro e, em seguida, no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Pará.

**1970-1971**

Participa do Intercâmbio cultural em Michigan, nos Estados Unidos, em companhia de seu irmão, Manoel Ayres Júnior.

**1972**

Inicia o curso superior em Ciências Biológicas na Universidade Federal do Pará, mas transfere-se para a Universidade de São Paulo (USP), no campus de Ribeirão Preto.

**1973-1976**

Realiza estudos e pesquisas acadêmicas no Departamento de Genética da USP.

**1974 a 1975**

Administrador do Jardim Zoológico de Ribeirão Preto.

**1976**

Gradua-se em Biologia.

**1977**

Assistente de pesquisas o Departamento de Ecologia do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus. Inicia o curso de mestrado em Ecologia pelo Inpa e Universidade Federal do Amazonas. Inicia pesquisas sobre os cuxiús no Aripuanã (MT) e Manaus.

**1978**

Recebe diploma de Honra e Mérito do Inpa. Torna-se membro do Comitê de Avaliação do Projeto de Dinâmica de Fragmentos Florestais do Smithsonian Institution, WWF.

**1981**

Conclui o curso de mestrado.

**1982**

É bolsista do Inpa na Universidade de Cambridge (Inglaterra), com apoio do CNPq, para realizar o curso de doutorado.

Recebe o Overseas Research Studentship Award (ORS) das Universidades de Reino Unido.

**1983**

Solicita ao Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) o fechamento do lago Mamirauá para o desenvolvimento de pesquisa na área.

Inicia pesquisa sobre o macaco uacari-branco na região do lago Mamirauá. As viagens são realizadas no barco gaivota.

Descobre um novo macaco-de-cheiro: *Saimiri vanzolinii*.

**1984**

Solicita oficialmente à Secretaria do Meio Ambiente (Sema) a criação da estação Ecológica Mamirauá.

**1985**

Recebe novamente o *Overseas Research Studentship Award* das Universidades do Reino Unido.

Eleito membro de *Linnean Society*, Londres.

**1986**

Conclui o doutorado em Sociologia dos Primatas.

É contratado como pesquisador (cientista sênior e pesquisador associado) do Departamento de Zoologia do Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém (PA).

**1987**

Leciona no 5º Curso de Especialização em Primatologia, pela Universidade de Brasília e Sociedade Brasileira do Primatologia.

**1988**

Leciona as disciplinas "Tópicos Especiais em Primatologia" e "Biologia da Conservação", no Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas, no convênio entre o Museu Goeldi e a UFPA.

Torna-se membro da diretoria do Grupo de Especialistas dos Primatas da União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN).

**1989**

Inicia o curso de pós-doutorado na Universidade de Caribe.

Integra a Comissão de Sobrevivência das Espécies da IUCN para a América Latina e Caribe.

**1990**

É criada a Estação Ecológica Mamirauá por meio do decreto nº 12.836, de 9 de março de 1990, do governo do Estado do Amazonas, localizada na confluência dos rios Solimões e Japurá, e o Auati-Paraná, em área total de 1 milhão 124 mil hectares.

Ingressa na Wildlife Conservation Society (WCS) como pesquisador associado.

**1991**

É eleito membro associado da Academia Brasileira de Ciências (ABC).

Representa o Brasil no Man and Biosphere Program (MaB), da Unesco.

É titular da Diretoria de Ecossistemas (Dierc) do Ibama.

Preside a Comissão Internacional para Conservação da Arara Azul.

**1992**

Recebe Medalha de ouro concedida pelo World Wide Fund for Nature (WWF).

Assume a coordenação do Programa Brasileiro da WCS.

Torna-se titular da Cátedra Carter para Ecologia da Floresta Tropical, concedida pela WCS.

É professor adjunto do New York Consortium for Evolutionary Primatology (NYCEP), Columbia University, American Museum of Natural History, NY.

É fundada a Sociedade Civil Mamirauá.

É delegado oficial do Brasil na Rio 92.

**1993**

É eleito membro titular da ABC.

É reconhecida a Estação Ecológica Mamirauá pela Convenção Rasmussen.

Integra o Conselho Técnico Científico do Inpa.

### **1995**

Recebe a Medalha Augusto Ruschi de Conservação, da Academia Brasileira de Ciências.  
Torna-se membro do Conselho Deliberativo do Funbio, no Rio de Janeiro.

### **1996**

Recebe a Ordem Nacional do Mérito Científico do Brasil, na classe Grã-Cruz.  
É promulgada, em 12 de julho, a lei de criação do modelo de Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS), modificando a unidade de conservação de Mamirauá.  
É lançado o Plano de Manejo para Mamirauá.  
Representa o Brasil na Convenção de Ramsar das áreas úmidas de importância mundial.  
Representa o Brasil o Tratado de Cooperação Amazônica, Uso da vida silvestres amazônica, em Paramaribo.  
Coordena o projeto Corredores Ecológicos para o Banco Mundial/PPG-7, Ibama, no programa Parques e reservas.  
Torna-se membro conselheiro da Comissão de Ecologia e Limnologia do CNPq.

### **1997**

Assume a vice-presidência da Comissão de Sobrevivência das Espécies da IUCN.

### **1998**

É criada a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, vinculada a Mamirauá.  
É membro do Comitê de Seleção da Medalha Augusto Ruschi da ABC.

### **1999**

Cria um novo projeto de conservação na área do Pantanal do Mato-Grosso do Sul.  
É criado o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM).

### **2000**

Concedido o Prêmio Von Martius para o Instituto Mamirauá, na categoria Nature, concedido pela Câmara de Comércio Brasil-Alemanha.  
É considerado pelo King Baudouin Foundation, da Bélgica, uma das personalidades que dignificam a espécie humana.

### **2001**

Sai para Mamirauá o prêmio da Unesco na categoria Ciência e Meio Ambiente.  
É assinado o contrato de gestão do IDSM com o Ministério da Ciência e Tecnologia.

### **2002**

Realiza exposição de fotografias de Mamirauá e Amanã ao lado do artista norte-americano Dietrich Ian Lafferty, em Nova Iorque.  
Ganha o prêmio da Sociedade de Biologia da Conservação.  
Recebe o *Rolex Awards for Enterprise* em Tóquio.

### **2003**

Morre em 7 de março, no Hospital Monte Sinai, em Nova Iorque.  
É enterrado em Belém no dia 13 de março.  
É criado o Prêmio Jovens Naturalistas José Márcio Ayres, concedido pelo Museu Paraense Emílio Goeldi e Conservation Internacional.  
Recebe postumamente, em abril, o Prêmio Frederico de Menezes Veiga, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).  
Recebe, em maio, a medalha Gaspar Viana post mortem e diploma de honra e mérito da Câmara Municipal de Belém.

Registra-se o reconhecimento do Corredor Central da Amazônia como Sítio do Patrimônio Natural da Humanidade, concedido pela Unesco.  
É homenageado no Prêmio Super Ecologia da revista Superinteressante.

#### **2004**

É inaugurada a nova sede do Instituto Mamirauá, em Tefé.

#### **2005**

Realiza-se a inauguração, no Mangal das Garças, em Belém, do borboletário Reserva José Márcio Ayres.

#### **2006**

É inaugurado, na sede do Instituto Mamirauá, o prédio José Márcio Ayres.  
Inaugura-se, o bairro do Tapanã, em Belém, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Márcio Ayres.  
É realizada sessão especial em homenagem a José Márcio Ayres na Conferência Internacional "Conservação e Desenvolvimento na Várzea: aprendendo com o passado, construindo o futuro", em Manaus (AM).

#### **2008**

Inaugura-se o Memorial Márcio Ayres e o prédio de pesquisa da IDS, na sede, em Tefé.  
É inaugurada a Escola de Educação Profissional José Márcio Ayres, vinculada ao centro de Educação Tecnológica do Amazonas (Cetam).  
É anunciada a descoberta de uacari-do-aracá, o *Cacajao ayresii*, pelo antropólogo brasileiro Jean-Phillipe Boubli, em homenagem a Márcio Ayres.

Fonte: Silveira, Rose. José Márcio Ayres: Guardião da Amazônia. São Paulo: Rose Silveira, 2010.

#### **- Memorial Márcio Ayres**

Em 2008, foi inaugurado na sede do Instituto Mamirauá, em Tefé, o Memorial Márcio Ayres. Construído com recursos da família Ayres. O memorial mostra o histórico das transformações alcançadas pelo biólogo que dedicou-se ao desenvolvimento sustentável da Amazônia. O espaço reúne fotos, livros, equipamentos, entre outros.

#### **- Artigos**

Um pouco da vida de José Márcio Corrêa Ayres  
Manuel Ayres

Início da carreira científica de José Márcio Ayres  
Warwick Estevam Kerr

José Márcio Ayres - Uma vida dedicada à conservação da Amazônia  
Ana Rita Pereira Alves

José Márcio Corrêa Ayres - In Memoriam  
José de Sousa e Silva Júnior; Suely Aparecida Marques-Aguiar; Maria Luíza Videira Marceliano;  
Renata Gomes Galúcio de Oliveira; Helder Lima de Queiroz

**Um pouco da vida de José Márcio Corrêa Ayres**  
**Manuel Ayres (\*)**

José Márcio, chamado pela família de “Zé”, era um idealizador com um carisma enorme e que com sua competência e dedicação passou a vida se dedicando a atividades de pesquisa para a conservação do meio ambiente. Desde jovem demonstrava interesse pela biologia chegando a cansar seus amigos e parentes com perguntas sobre qualquer assunto dessa área, então desconhecida por ele. Foi um aluno responsável e sempre se destacou entre os colegas por dois aspectos: inteligência e espírito brincalhão. Na fase escolar vivia aprontando com os colegas e era um contador de piadas extremamente espirituoso. Simples e amigo de todos era conhecido por este seu temperamento divertido que quando se aproximava do grupo a turma já ficava prevenida sabendo que o Zé estava programando aprontar alguma “arte”. Passar trote aos colegas era um de seus passatempos prediletos. Estudou em colégio de aplicação da Universidade Federal do Pará em Belém e depois iniciou o estudo universitário na Universidade Federal do Pará cursando Biologia. Nesta fase seu interesse pela ciência começou a aflorar e ele comunicou-nos que iria concluir seu curso de Biologia na USP em Ribeirão Preto. Via, assim, maiores possibilidades de se aperfeiçoar e obter maiores conhecimentos. Com esta transferência e por ser demasiadamente curioso e excelente aluno começou a chamar atenção de seus professores. Nessa ocasião já estava fazendo levantamento sobre primatas e, através de vários depoimentos de seus colegas e professores, tinha adquirido ainda nesta fase de graduação tanta informação sobre primatas que era convidado a dar palestras sobre o tema. Um dia foi convidado para ser Diretor da parte zoológica da “Cava do Bosque” em Ribeirão Preto, sendo seu primeiro trabalho remunerado, e logo revelou o seu dom de pesquisador. Fez as primeiras observações sobre o acasalamento do cachorro-do-mato, sobre a postura e o desenvolvimento dos ovos e filhotes das araras, melhorou o tratamento de vários animais, ou seja, deu a “Cava do Bosque o ar de Zoológico que lhe faltava.

Mas o bom Prefeito de Ribeirão Preto tinha como Secretário um seu irmão, bom de Educação mas com pouco conhecimento em Biologia, que sem consultar o Ayres, acertou a troca de alguns animais brasileiros (inclusive a fêmea do cachorro-do-mato) por 5 (cinco) ursos de um circo em Assunção (Paraguai). O Márcio tentou demovê-lo dessa idéia inclusive informando que ele arranjaría facilmente 5 ursos nos circos. Não conseguiu convencê-lo! comunicou o sucedido ao dr. Paulo Nogueira Neto, nessa época Secretário do Meio Ambiente (hoje MMA), que telegrafou ao Secretário de Educação de Ribeirão Preto dizendo que a troca era proibida. A reação do Secretário de Educação foi demitir o Márcio Ayres “ (Relatado pelo Professor Warwick Kerr).

Jovem ainda começou determinado e a sua personalidade forte, com esse episódio, mostrou que estava no caminho certo para ser o grande cientista que estava a caminho.. Ficou, desde logo interessado no estudo desse símio, Viajou para Manaus no Amazonas para fazer o mestrado no INPA com ênfase em primatologia. Fez seu trabalho de campo no parque do Aripuanã em Mato Grosso. Realizou um levantamento dos hábitos do macaco Cuxiú que seus professores diziam nunca terem visto um aluno tão dedicado e curioso ao ponto de quebrar o *record* de horas na floresta para entender a vida destes animais. Ao concluir seu mestrado foi contratado como pesquisador do INPA em Manaus e depois de 3 anos seguiu para a Inglaterra para fazer o doutorado em Cambridge.

Para sua tese de doutorado resolveu estudar o macaco Uacari, que tinha visto pela primeira vez na Alemanha, uma espécie endêmica da região do médio rio Solimões, no Amazonas, de pelugem branca e cara vermelha, descrito pelo cientista Henry Walter Bates em meados do século XIX.. Para realizar este trabalho ficou isolado em campo, por dois anos, conseguindo realizar um trabalho de alto nível que cobre toda a vida da espécie ao mesmo tempo que estuda a geologia e o ecossistema da área ocupada pelo animal. Nesta fase seu interesse por outros aspectos da natureza já vinha se ampliando.

Como Zé “respirava” 24 horas por dia o seu trabalho e por ser visionário e gostar de desafios começou a mentalizar um esquema de proteção para a área geográfica ocupada pelo macaco Uacari. Fez contatos com políticos do estado do Amazonas e começou a se infiltrar nos bastidores dos ministérios de Brasília, vendendo a idéia da criação de uma unidade de preservação para proteção dessa espécie de macaco. Zé gostava de embates e seus argumentos eram imbatíveis, entremeados de argumentação científica séria. Por tudo isso o governo do Amazonas criou em 1990 a “Estação Ecológica Mamirauá - EEM”, com uma área de 1.124.000 hectares. Com isto a espécie Uacari e todas as demais da área tinham assegurado sua existência. Zé começa então a elaborar projetos e formar parcerias para obter financiamento a fim desenvolver pesquisas na área. Viajou pelo mundo expondo suas idéias e em 1992 recebe um grande financiamento de uma instituição inglesa – ODA, depois denominada DFID – para realização de trabalhos na área com o objetivo de ser elaborado um plano de manejo para a mesma. Na EEM habitam povos com uma cultura típica à adaptação em área de várzea alagada e Zé fica mais uma vez diante de um dilema. Para conservar esse ecossistema a categoria “Estação Ecológica” não permitiria a presença de população humana. Zé fez a comunidade científica, os dirigentes de órgãos públicos ligados a questão ambiental que de nada valia preservar o meio ambiente sem levar em conta a **espécie humana**. Ele desenvolveu, com a ajuda de uma equipe de pesquisadores ligados à questão social, trabalhos junto a essas comunidades para mostrar a eles a possibilidade dos mesmos serem mantidos na área desde que usassem os recursos naturais dentro de um perspectiva racional de manejo. Começou-se a trabalhar com essa população dentro de um programa de extensão comunitária e a mesma foi envolvida em trabalhos de educação ambiental, saneamento básico, saúde comunitária, entre outros, para passar a compreender que a permanência de seus habitantes na área estava condicionada ao bom uso do ecossistema. Pesquisas nas áreas biológica e social começaram a ser realizadas e Zé para resolver essa questão da presença do Homem dentro de uma Estação Ecológica teve uma idéia brilhante. Imaginou um novo modelo de categoria de área protegida, a chamada Reserva de Desenvolvimento Sustentável. Contratou um jurista para preparar o regulamento e apresentando este novo modelo aos órgãos encarregados desta legislação, conseguiu em 1996 transformar a EEM em Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – RDSM. Estava assim assegurada a permanência da população na área. Em 1992, com novos financiamentos chegando para o Mamirauá, Zé cria uma ONG – a Sociedade Civil Mamirauá que até hoje administra este projeto. Os trabalhos na RDSM caminhavam a passos largos e como a mente e o corpo do Zé não podiam descansar ele cria em 1998 a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã – RDSA, ligada a Mamirauá e com área 3 vezes maior. Os trabalhos desenvolvidos em Mamirauá passam a ser realizados também em Amanã.

A esta altura Zé dispunha de uma equipe de funcionários e pesquisadores entrosados e afinados ao seu ideal, tocavam os projetos nas duas reservas sempre com a orientação e debaixo dos princípios ideológicos de seu grande mestre e idealizador. Zé tinha uma influência muito grande nos meios acadêmicos e como trabalhava por amor a uma causa era chamado para apresentar seu projeto pelo mundo afora. Mamirauá e Amanã tiveram seu grande espaço na mídia internacional e nacional e por todo este reconhecimento o governo brasileiro, através do CNPq, começa a dialogar com Zé para viabilizarem a criação de um Instituto de Pesquisas que viesse dar continuidade a esse trabalho. Em 1999 é criado o Instituto de Desenvolvimento Sustentável mamirauá – IDSM e em 2001 é assinado o contrato de gestão do IDSM com o Ministério da Ciência e Tecnologia – MCT. O IDSM tem por missão “realizar pesquisas para promover a conservação da biodiversidade das florestas alagadas amazônicas por meio de uso sustentado e participativo dos recursos naturais pela população tradicional local” e para prosseguimento dessa missão conta com o apoio da SCM que capta recursos e repassa para o IDSM.

Vários aspectos na personalidade de Márcio tiveram influência no sucesso em Mamirauá. Este projeto inicial cresceu e se solidificou porque ele era uma pessoa competente e simples, trabalhador incansável dedicado inteiramente a uma causa, honesto e desprendido de vaidade, amigo de pessoas simples que as tratava com a mesma consideração com que dispensava a autoridades, firme nas suas decisões e que não perdia chance de viver brincando e se divertindo com sua equipe e com os comunitários de suas Reservas.

Em uma entrevista concedida a um jornalista, foi feita a seguinte e inevitável pergunta: *Como você vê o futuro da Reserva?* Sua resposta foi:

*“Se quisermos proteger grandes áreas na Amazônia, proteger processos ecológicos e evolutivos e ao mesmo tempo melhorar a economia da população local (que participará da proteção desses recursos) este é um dos caminhos que, eu acredito, podem ser seguidos. A Reserva de Desenvolvimento Sustentável tem o potencial de proteger a biodiversidade sem excluir os moradores. O futuro de Mamirauá vai estar exatamente nessa passagem de conhecimentos dos cientistas que lá trabalham para os moradores das comunidades: um processo de dar à população local poder para decidir seu destino e o uso do seu ambiente altamente produtivo. O êxodo rural está diminuindo bastante, as rendas melhoram, a mortalidade infantil está em queda, sem comprometimento algum com os recursos que estão aumentando a cada dia. Mamirauá está próximo de ser a Amazônia de 150 anos atrás, quando o naturalista Bates descreveu a área. Só as populações de tartarugas ainda vão levar alguns anos para retornar ao que eram. Penso que em mais alguns anos Mamirauá será um centro produtor de peixes para o Amazonas e um centro de verdadeiro Ecoturismo importante para a Amazônia. Uma população de classe média estará vivendo nessa área, com poderes de decisão sobre o manejo da área e o modelo deverá estar implantado em outras áreas da Amazônia. Tomara!”*

“Márcio, este Zé que deixa saudades, foi um cientista de valor, comprometido até a alma com os nossos destinos, destinos de amazônidas a quem pouco interessa se o benefício é aqui ou alhures, interessa que seja para e na Amazônia. Se não fosse verdade, sendo paraense e um amazônida nato, não teria lutado pelo paraíso em Mamirauá, Tefé, Estado do Amazonas. Afinal, erudito, sabe que a Província será sempre do Grão Pará e do Rio Negro, aos homens de bem os limites não interessam, quando o bem fala mais alto. Márcio olha por nós. E, tu que não rezavas, ora pelos ignorantes e puxa lhes as orelhas, caso voltem às costas ao projeto que na luta pela utopia tornastes realidade” (Professora Jane Felipe Beltrão).

“A memória e o legado de um profissional competente e dedicado como José Márcio Ayres certamente não será esquecida. A obra que um homem deixa a serviço de sua comunidade e de sua pátria é o seu monumento imorredouro” (Fernando Henrique Cardoso).

Tendo a espirituosidade como traço marcante de sua personalidade, Márcio viveu e enfrentou desafios com bom humor, buscando a realização de seus projetos e contagiando todos que o cercavam. Suas últimas palavras foram estas:

“A batalha contra o câncer me fez mudar minha visão sobre o projeto. Eu agora compreendo que além do meu próprio trabalho de conservação, uma das melhores contribuições que eu posso oferecer é fazer com que as coisas pelas quais eu tenho lutado se tornem mais independentes de indivíduos isolados. Durante os dias que eu estava ausente para tratamento em Nova Iorque, eu assisti meus colegas levarem o trabalho adiante. Isto tem sido muito gratificante. Muito trabalho que nós temos feito juntos para proteger os recursos naturais e construir uma base para uma melhor estratégia de conservação está hoje bem enraizada na sociedade. Então, não será fácil retroceder” (José Márcio Ayres).

José Márcio Corrêa Ayres teve dois filhos: Daniel Lima Ayres e Lucas Lima Ayres.

*Manuel Ayres, pai de José Márcio Ayres, é geneticista.*



## **Início da carreira científica de José Márcio Ayres**

### **Warwick Estevam Kerr (\*)**

No Aripuanã o Márcio trabalhava cada vez mais intensamente: fazia descobertas diárias, encantando os colegas do Inpa e os visitantes estrangeiros. Eu dizia-lhe que ele era meu melhor cientista em Aripuanã!

Fui a Belém em 1972 para visita de rotina administrativa ao Museu Paraense Emílio Goeldi. Lá fui procurado pelo dr. Manuel Ayres. Disse-me que seu filho José Márcio Ayres escolhera o super curso de Biologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP - Ribeirão Preto. Pediu-me que zelasse pelo seu filho e, quando possível, o orientasse em ciências biológicas. Quando o Ayres estava no terceiro ano (penso que era 1º semestre de 1975) procurou-me para ver se eu arranjaría algum trabalho para ele. - Que é que você acha de ser diretor da parte zoológica da 'Cava do Bosque?'; o prefeito Elcio Gasparini está procurando uma pessoa competente. - Acho ótimo, respondeu-me. Assim, seu primeiro trabalho remunerado foi esse. Mas logo revelou seu dom de pesquisador.

Fez as primeiras observações sobre o acasalamento do cachorro-do-mato, sobre a postura e o desenvolvimento dos ovos e filhotes das araras, melhorou o tratamento de vários animais, ou seja, deu à 'Cava do Bosque' o ar de Jardim Zoológico que lhe faltava.

Mas o bom prefeito Elcio Gasparini tinha como secretário de Educação um seu irmão, bom na Educação mas ruim em Biologia que, sem consultar o Márcio, acertou a troca de alguns animais brasileiros (inclusive a fêmea do cachorro-do-mato) por cinco urso de um circo de Assunção (Paraguai).

O Márcio tentou movê-lo dessa idéia inclusive informando que ele arranjaría facilmente cinco ursos, nos circos. Não conseguiu convencê-lo!

Informou sobre o sucedido por carta ao dr. Paulo Nogueira Neto, nessa época secretário da Secretaria Especial de Meio Ambiente (hoje MMA), que telegrafou ao Secretário da Educação de Ribeirão Preto dizendo que a troca era legalmente proibida.

A reação nada educada do secretário foi demitir o Márcio Ayres. A notícia correu entre a estudantada, Márcio transformou-se num herói e foi eleito presidente do Grêmio Universitário de Filosofia (GUF).

Com isso iniciou sua carreira de administrador! Graduo-se em 1977 e logo procurou-me dizendo que queria trabalhar em biologia de macacos no Aripuanã (na fronteira entre o Amazonas e Mato Grosso) onde o INPA tem uma base.

Contratei-o na hora e fui pessoalmente levá-lo até lá. A viagem era às vezes por um bimotor e noutras por um monomotor. Era, conforme o avião, uma viagem de duas horas e meia a quatro horas.

O Márcio achou interessante a resposta que o aviador deu-me ao perguntar-lhe: - E se o avião cair aqui? Era uma resposta padrão, mas eu queria que ele ouvisse: - Doutor, se cairmos aqui, não sairemos nem nos jornais!

Em Aripuanã, o Márcio entusiasmou-se com a fauna. Após um mês fui visitá-lo. Já tinha descoberto vários bandos de macacos e queria estudar seu deslocamento.

Para isso precisava fazer 200 mini picadas Norte-Sul e 200 Este-Oeste. Havia dinheiro: foram feitas, e sua maravilhosa tese de mestrado também foi feita.

Numa das trilhas que me mostrou, ele andava na frente, com desenvoltura, e eu a uns cinco a oito metros atrás. Nisso ele, como dificuldade, passou por trás de um cupinzeiro. Eu passei pela frente e uma jararaca deu um bote que quase me pegou.

O comentário do superdistráido Márcio foi apenas: - Desculpe-me, professor. Esqueci-me de dizer que nesse termiteiro quase sempre há uma jararaca!

No Aripuanã o Márcio trabalhava cada vez mais intensamente: fazia descobertas diárias, encantando os colegas do Inpa e os visitantes estrangeiros. Eu dizia-lhe que ele era meu melhor cientista em Aripuanã!

Minha diretoria terminou em abril de 1977. Daí por diante tivemos apenas contatos raros,

quando me informava de suas descobertas fantásticas e da grande Reserva Biológica de Mamirauá que estava fazendo.

Num desses encontros confessou-me um problema: seu macaco preferido, o uacari (*Cacajao calvus calvus*), era o mais protegido animal da reserva Mamirauá e estava diminuindo em número.

O Márcio convidou-me para passar cerca de duas semanas (2 a 15 de fevereiro de 1994) com minha equipe (Kerr, Lygia, Bárbara, Gislene, Vânia, Tito e mais três tripulantes) e emprestou-nos um barco.

Em sete dias, estudando as flores que as abelhas fecundavam e comparando-as (com um relatório do próprio Márcio - que mais tarde foi transformado em livro) com as frutas que os uacaris comiam verificamos que o mesmo que acontecia em outras comunidades acontecia também ali.

Em muitas áreas da Amazônia os camponeses tomam remédio preferencialmente misturado ao mel meliponídeo.

Em Mamirauá o ribeirinho, ocasionalmente ou após sofrida busca, acha um ninho de jandaira, urussu ou outra abelha nativa. Quando alguém da família fica doente, o chefe da casa vai a noite derrubar a árvore (entre duas e três horas da madrugada, para o Dr. Márcio não ficar sabendo), tira o mel e joga fora o restante do ninho.

Com isso as plantas visitadas por essa espécie de abelha perdem seus polinizadores. Informado por nós ele contratou um rapaz muito vivo e inteligente (Fernando Oliveira) que foi enviado a Uberlândia para aprender a lidar com Meliponíneos.

O Fernando saiu melhor que a encomenda, pois melhorou a colméia, tornando-a facilmente utilizável na reprodução da colônia.

A colaboração que o Dr. José Márcio Ayres manteve entre Mamirauá e o INPA, o Goeldi e várias Universidades, foi de enorme importância para o aumento do conhecimento científico sobre a Amazônia.

Seu falecimento extemporâneo a 7 de março de 2003 privou a Amazônia e a ciência brasileira, como um todo, de um grande cientista.

*Warwick Estevam Kerr é engenheiro agrônomo e geneticista.*

### **José Márcio Ayres**

#### **Uma vida dedicada à conservação da Amazônia**

Ana Rita Pereira Alves (\*)

José Márcio Ayres nasceu em Belém em 21 de fevereiro de 1954. Era um dos cientistas brasileiros mais respeitados e premiados na área de Conservação da Biodiversidade. Ainda muito jovem tornou-se um dos mais reconhecidos primatólogos brasileiros. Formou-se em 1976 pela Universidade de São Paulo no Curso de Ciências Biológicas. Pouco depois de sua graduação, decidiu seguir a carreira científica e ingressou no Curso de Mestrado em Ecologia do Instituto de Pesquisas da Amazônia (INPA), quando deparou-se com as grandes ameaças à imensa floresta, e sensibilizou-se em relação à importância de áreas-chave para a conservação da biodiversidade brasileira. Assim, o jovem cientista encontrou o que seria seu principal objetivo: criar e gerir unidades de conservação em áreas ecologicamente importantes para promover a conservação da biodiversidade brasileira.

Márcio Ayres desembarcou na região do médio Solimões no início dos anos 80. As matas de várzea de Mamirauá, até então quase desconhecidas cientificamente, eram foco de ameaças ambientais. Ele verificou a necessidade de se criar ali uma área oficialmente protegida para salvar da extinção o macaco uacari-branco. Por meio de propostas feitas ao governo do Estado

do Amazonas, o biólogo foi diretamente responsável pela criação de duas Reservas de Desenvolvimento Sustentável, as de Mamirauá e Amanã, que juntas formam mais de três milhões de hectares de floresta tropical protegidas. Márcio Ayres lutou muito para que estas reservas não permanecessem apenas no papel e criou um sistema de gestão participativa que incluía a população do local no manejo e vigilância de seus próprios recursos. Para gerir as duas Reservas, ele formou juntamente com outros pesquisadores, uma organização não-governamental, a Sociedade Civil Mamirauá.

José Márcio era Diretor Geral do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, um instituto de pesquisas voltado para a conservação da biodiversidade das florestas alagadas da Amazônia por meio de uso sustentado e participativo de seus recursos naturais renováveis.

Os resultados positivos da inovadora experiência de conservação e manejo das Reservas lhe renderam o reconhecimento internacional na área da Biologia da Conservação. Publicando inúmeros trabalhos no Brasil e no exterior, em vários momentos representou o país em fóruns internacionais, oficiais ou não. Participou dos principais conselhos nacionais de conservação da biodiversidade, e era membro de importantes associações científicas. Seu trabalho como conservacionista foi o que lhe rendeu mais prêmios, pela relevância de seu trabalho para a conservação da Amazônia Brasileira. O modelo de desenvolvimento sustentável que ele idealizou para a região, atravessou o mundo, foi com ele reconhecido e premiado em várias partes e está mostrando saídas novas para a humanidade.

No dia 7 de março de 2003 a humanidade perdeu este grande cientista. Ele se foi cedo, deixando um enorme vazio, um horizonte e uma herança que nós devemos merecer. Estas obras da natureza amazônica, às quais ele tanto se dedicou, são escolas de vida, símbolos da ciência a favor do homem, exemplos de preservação e de justiça social, uma promessa para o planeta em crise.

Um de seus principais legados foi ter formado uma equipe sólida de pesquisadores, amigos e colaboradores que compartilham de seus ideais e que estão dando continuidade à sua missão.

*Ana Rita Pereira Alves é antropóloga e diretora geral do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá.*

### **José Márcio Corrêa Ayres - In Memoriam**

José de Sousa e Silva Júnior<sup>1</sup>

Suely Aparecida Marques-Aguiar<sup>1</sup>

Maria Luíza Videira Marceliano<sup>1</sup>

Renata Gomes Galúcio de Oliveira<sup>2</sup>

Helder Lima de Queiroz<sup>2</sup>

Prematuramente tolhido do convívio com seus numerosos amigos, admiradores e colaboradores, José Márcio Corrêa Ayres, além do enorme vazio deixado por seu passamento, legou-nos uma obra gigantesca e imorredoura. Márcio faleceu no dia 7 de março de 2003, no Hospital Mount Sinai, Nova Iorque, Estados Unidos.

Durante sua carreira, José Márcio ficou internacionalmente conhecido pela sua competência como pesquisador, e também por seus esforços em prol da preservação da natureza. Foi um dos cientistas brasileiros mais premiados na área de Conservação da Biodiversidade, especialista em criação e gestão de Unidades de Conservação, tendo o reconhecimento de entidades governamentais e não governamentais. Foi responsável pelo estabelecimento de unidades de conservação que hoje englobam mais de 5.000.000 de hectares de áreas oficialmente protegidas no Brasil. Foi membro das mais importantes entidades ambientalistas do mundo, e dos principais conselhos relacionados à biodiversidade e seu uso no Brasil. Foi

uma das pessoas mais atuantes no mundo das organizações não governamentais, possuindo uma experiência concreta de atuação no governo, devido ser um dos mediadores mais eficientes em negociações. Foi membro ativo de diversas sociedades científicas, possuindo intensos vínculos com as comunidades tradicionais da Amazônia, e coordenando a criação de um modelo de gestão participativa que causou(a) grande impacto no mundo ambientalista brasileiro.

Tendo a espirituosidade como traço marcante de sua personalidade, Márcio viveu e enfrentou desafios com bom humor, buscando a realização de seus projetos e contagiando a todos que o cercavam. Nasceu em Belém no dia 21 de fevereiro de 1954, tendo tido uma infância marcada pela paixão por animais. Filho do Prof. Dr. Manuel Ayres e de D. Izabel do Amaral Corrêa Ayres, José Márcio notabilizou-se pela capacidade de sonhar, e pela disposição de lutar para transformar seus sonhos em realidade.

Predestinado ao sucesso, decidiu tornar-se um pesquisador das questões ambientais ligadas à Amazônia. Com esse objetivo em mente, graduou-se em Ciências Biológicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, em 1976. A sua capacidade como administrador já havia se revelado nessa época, quando, ainda aluno de graduação, dirigiu o Jardim Zoológico de Ribeirão Preto, demonstrando a grande capacidade de gerenciamento que se repetiria ao longo de toda a sua trajetória profissional. De 1977 a 1986 trabalhou no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), primeiro em Aripuanã e depois em Manaus. Obteve seu título de mestre em 1981 pelo Curso de Pós-Graduação em Ecologia, do INPA em convênio com a Fundação Universidade do Amazonas, orientado pelo Prof. Dr. Paulo Emilio Vanzolini. Durante o mestrado trabalhou com sócio-ecologia de primatas, defendendo a dissertação intitulada “Observações sobre a ecologia e comportamento dos cuxiús (*Chiropotes albinus* & *Chiropotes satanas*, Cebidae: Primates)”. Doutorou-se em 1986 pela Cambridge University, na Inglaterra, sob a orientação do Prof. Dr. David Chivers. No doutorado trabalhou novamente com sócio-ecologia de primatas, concluindo a tese intitulada “The white uakaris and the Amazonian flooded forests”. Em 1989 voltou à Inglaterra para completar sua formação através do pós-doutorado na Cambridge University, desenvolvendo estudos sobre co-evolução de adaptações de primatas e da flora neotropical.

Na primeira volta ao Brasil, em 1986, passou a integrar o quadro de pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi, e também de docentes e orientadores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas, Área de Concentração Zoologia, do Convênio entre o MPEG e a Universidade Federal do Pará. Já nessa época, uma das grandes preocupações do cientista era com as novas gerações de pesquisadores. Havia um esforço constante no sentido de auxiliar a formação de profissionais capacitados, para dar continuidade ao trabalho iniciado. Além dos próprios alunos, Márcio também prestava auxílio a estudantes de outras instituições, tanto em Belém como em outras cidades.

Em Belém, criou o Núcleo de Primatologia da Amazônia, formado por um grupo de pesquisadores e estudantes de pós-graduação. Depois de 45 anos, o Núcleo de Primatologia proporcionava ao museu a volta a uma de suas maiores tradições, iniciada pelo próprio Emílio Goeldi no final do século XIX. Durante este período auxiliou o incremento do acervo do museu, arrebanhando material científico resultante de inventários, resgates faunísticos, e da doação da coleção do Centro Nacional de Primatas. Foi responsável também pela criação de um acervo bibliográfico e de um banco de dados especializado em primatas (PrimatAM). O empenho de Márcio no Museu Goeldi foi recompensado, uma vez que todos os integrantes do grupo deram prosseguimento às respectivas carreiras como pesquisadores. O núcleo se tornou o embrião da Primatologia no museu do início do novo milênio. Desde então houve uma ampliação dos horizontes, e hoje, além de primatas e quirópteros, o Setor de Mastozoologia também se esforça para realizar estudos sobre os outros grupos de mamíferos da Amazônia.

Os horizontes de Márcio não tinham limites. De espírito aventureiro, costumava embrenhar-se na Amazônia, buscando um conhecimento mais íntimo da floresta e seus povos. Em suas viagens, conheceu inúmeros lugares nunca antes visitados por outros pesquisadores. Em princípios de 1983 procurava um lugar apropriado para estudar o uacari-branco (*Cacajao calvus calvus*), um macaco cuja biologia era conhecida apenas através dos relatos do naturalista inglês Henry Walter Bates, que residira em Tefé durante aproximadamente cinco anos em meados do século XIX. Em março de 1983, na região do baixo rio Japurá, avistou o primeiro bando de uacaris. A procura de locais mais próximos de Tefé para execução de seus estudos, deparou-se quase que acidentalmente com a entrada de um longo e tortuoso canal que desembocava no lago Mamirauá. Percorreu o paraná por quase três horas, até chegar a esse lago. Como ele mesmo escreveu, "a paisagem do canal que leva ao Mamirauá nos impressionou bastante. Em todo o percurso, uma grande variedade de capins flutuantes e outras plantas aquáticas navegava discretamente sobre águas de cor preta, entre revoadas de garças, patos, socs, mergulhões e bigus. Vindas das margens, as vocalizações das arirambas, socs, e, não raro, dos macacos de cheiro, muito comuns na região. Ao final do canal, depois de um estirão de quase 4 km, abre-se o lago Mamirauá, em cujas margens, onde existe grande variedade de tipos fisionmicos de vegetação, não há um morador sequer. Das margens do Mamirauá saem canais que levam a outros lagos, ressacas com extensas áreas abertas onde, durante a seca, podem ser vistas as praias de lama cinza-escura, em que descansam os jacarés e muitas aves migratórias. Durante as cheias, as águas penetram por todos os recantos da floresta, permitindo que, a partir do lago Mamirauá, se tenha acesso a vários lagos vizinhos, como o Tei, Acácio, Jacitara, Branco e muitos outros. Nessa época também  possível navegar do rio Solimões até o rio Japurá, passando-se pelo Mamirauá, sem ter que carregar a canoa uma só vez".

A "descoberta" dessa magnífica região marcaria sua vida e sua carreira científica, e a ela Márcio terá seu nome para sempre vinculado. Principiou a trabalhar nela, de modo sistemático, a partir de 1984, com auxílio do INPA e do CNPq. Por esse tempo, o lago Mamirauá estava protegido por uma portaria da superintendência no Amazonas do extinto IBDF. Havia então na região muitos pescadores de pirarucu e tambaqui, e caçadores de jacarés que comercializavam a carne em mercados fora de Tefé. Márcio não poupou esforços para implantar pelo menos uma parte significativa de uma unidade de conservação. Foi formada uma equipe multidisciplinar, com membros de várias instituies, para executar a tarefa. Em 1991 foi criada a Sociedade Civil Mamirauá, uma organização não-governamental, sem fins lucrativos, com o objetivo de auxiliar o Estado do Amazonas (Secretaria de Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia do Amazonas - SEMACT) na implantação da reserva e na condução de estudos científicos na rea. Márcio contou desde o início de 1990 com o patrocínio de várias organizaes nacionais e estrangeiras para esse fim. Além da SEMACT, do Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA) e do CNPq (Programa do Trópico mido), obteve a colaboração da The Wildlife Conservation Society, da Overseas Development Administration do Reino Unido, do World Wide Fund for Nature (WWF), e da Conservation International, entre outras. Todo esse processo culminou no surgimento do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), do qual Márcio foi diretor a partir de 1999, dando início a uma nova maneira de pensar e promover a conservação da floresta. O modelo apresentado resultou em uma forma pioneira de aliar pesquisa, preservação e sustentabilidade das populaes locais. Como Márcio mesmo descreveu "Quando eu entro no barco e estou viajando pelo Mamirauá, eu me sinto em casa. É um dos maiores prazeres da vida estar nesta floresta. É aqui, basicamente, que está o trabalho de toda a minha vida" e ainda "Esta é a nossa tarefa tão difícil ... Tentar construir um mundo mais ecológico para as próximas geraes."

Márcio foi autor de um grande número de publicaes científicas sobre diversidade e ecologia de primatas e outros mamíferos, conservação e uso sustentável dos recursos naturais, e

conservação das várzeas no Brasil. Foi agraciado com várias medalhas e outras honrarias e distinções, como a Ordem Nacional do Mérito Científico do Brasil, e era membro da Academia Brasileira de Ciências. Emprestou também seus talentos, durante certos períodos, ao Jardim Zoológico de Ribeirão Preto, ao Wildlife Conservation International, ao New York Consortium for Evolutionary Primatology, à National Geographic Society, ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, entre outras. Atuou em importantes centros como Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), IBAMA, Wildlife Conservation Society, Columbia University, Nova York University e American Museum of Natural History. Márcio, grande amigo e competente cientista, em sua breve existência, viveu intensamente com entusiasmo, sensibilidade e devoção às questões ambientais e sócio-culturais. Deixou-nos como frutos seus dois filhos, Daniel e Lucas, além de Mamirauá, o maior exemplo de projeto bem sucedido, na busca pela harmonia entre a população humana e o meio ambiente. Que seu indômito espírito descanse eternamente nas plácidas várzeas do Paraíso...

<sup>1</sup>Coordenação de Zoologia, Museu Paraense Emílio Goeldi

<sup>2</sup>Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, Sociedade Civil Mamirauá,